

A Utilidade da Filosofia

A situação da Filosofia na academia continua ser precária. Em tempos de crise, é natural que a questão da sua utilidade se levante sempre de novo com iminência. Os filósofos não encontram trabalho, apenas pensam e não fazem nada de prático. Para quê então a filosofia nos tempos de hoje?

Se alguém dirigir esta pergunta a um filósofo, poder-se-á deparar com a sensação de uma inextrincável inutilidade, pois o filósofo pode complicar a resolução célere do assunto e perguntar: mas o que é o útil? Tentando fazer-lhe o favor e respondendo à pergunta, verificar-se-á, talvez, que a noção de utilidade sofreu alterações eminentes ao longo dos tempos. Será que o útil está sempre ligado ao bem, será que se mostra pelas consequências, será que é uma virtude, ou a soma de um cálculo?

Estas achegas simples levam-nos ao centro da questão. Não há conceito de utilidade que seja universal, antes depende inevitavelmente dos moldes quase que inconsciente e coletivamente em vigor. Duas palavras-chave dominam atualmente, no mundo dos mercados, o conceito de utilidade: a empregabilidade e a sustentabilidade. Útil é aquele que arranja emprego e é capaz de se sustentar. Útil seria também a filosofia se se provasse que os licenciados nesta área poderiam ganhar dinheiro.

Ora bem, em vez de provar isso, quero antes mostrar que a filosofia tem uma utilidade que lhe é própria.

Não só a utilidade, mas todas as noções que guiam o nosso pensar e agir, têm a tendência de se imporem sem que nos apercebamos, em cada caso, disso. Por outro lado, as noções sofrem mudanças subtis ao longo dos tempos. Não se alicerçam em terra firme, antes flutuam num solo extremamente movediço. Prova disso é o ‘escândalo’ de que todas as tentativas de encontrar um consenso mínimo sobre questões como a definição da arte, a determinação substancial dos direitos humanos ou a hierarquização de valores estão condenados ao fracasso. Isso, no entanto, não deve servir de pretexto para abraçarmos um relativismo de indiferença. Mas para justificar essa posição, somos novamente reenviados para o solo movediço onde o conforto da segurança nos abandonou.

É este estado de insegurança, de escândalo, de confrontação com os limites da nossa razão que, na filosofia, se torna paixão. Que essa paixão não é apenas algo intimamente humano, mas para além disso um desafio que não podemos e não devemos largar, é a convicção de muitos, senão de todos os filósofos. Também aqui as justificações podem variar. Pode alegar-se que as ciências, sem o debate sobre os seus fundamentos, são cegas, pode alertar-se, como tantos filósofos contemporâneos o fizeram, para o perigo de um mundo ‘administrado’ / ‘instrumentalizado’ ou de um mundo tornado sistema cujos processos e dinâmicas estão, em larga medida, fora do alcance do indivíduo. Num e noutro caso apela-se ao *ethos* de manter a nossa realidade transparente e acessível à razão de cada um. Que nunca se perca o sentido para esta espécie de utilidade que a filosofia, por natureza, tem.